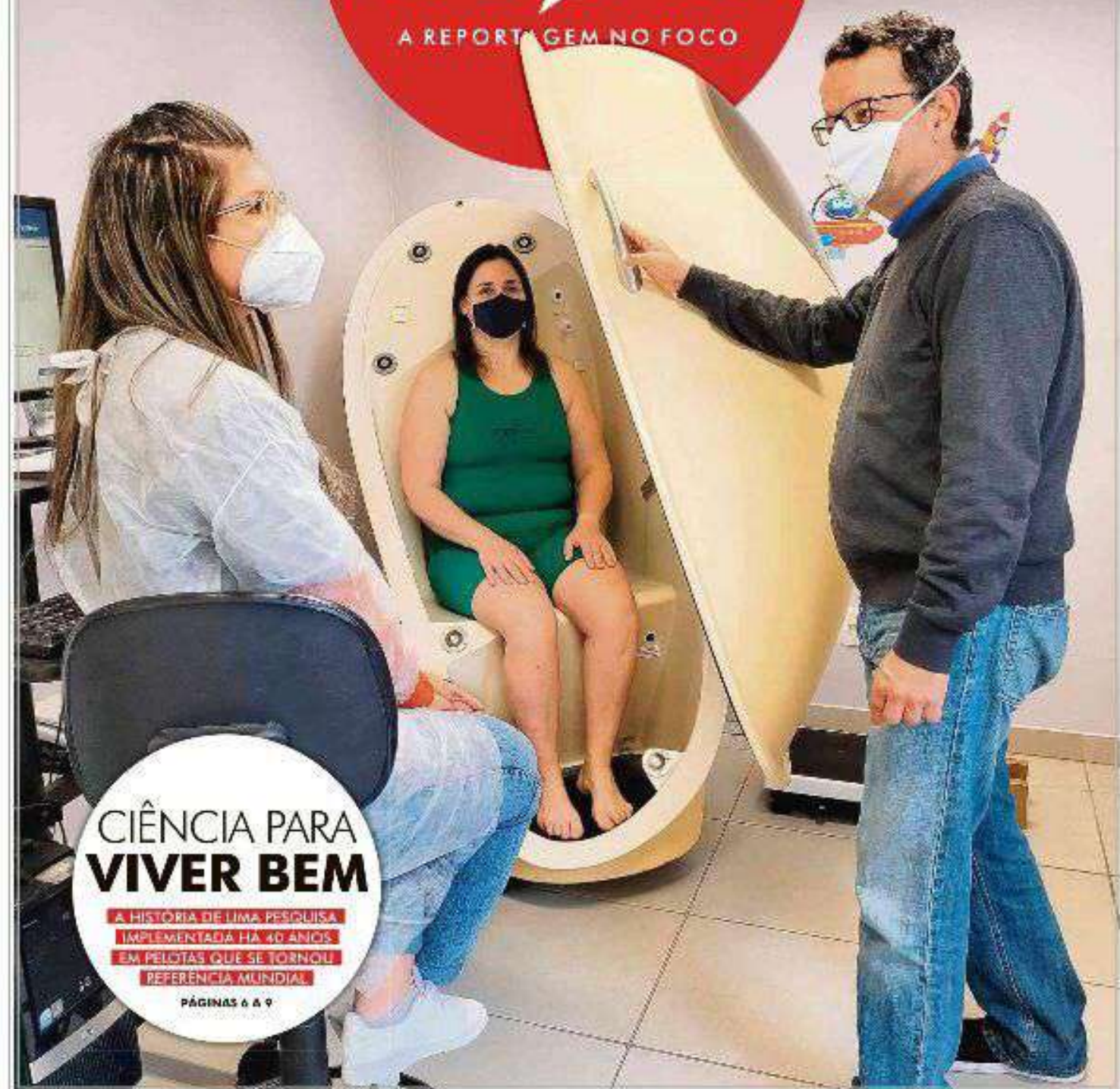


Bernardo Horta, um dos coordenadores do projeto, com a paciente Daline Xavier, uma das quase 5 mil pessoas nascidas na cidade do Sul em 1962 monitoradas pelos pesquisadores na UFRJ.

doc.

ZERO HORA

A REPORTAGEM NO FOCO



CIÊNCIA PARA
VIVER BEM

A HISTÓRIA DE UMA PESQUISA
IMPLEMENTADA HÁ 40 ANOS
EM PELOTAS QUE SE TORNOU
REFERÊNCIA MUNDIAL

PÁGINAS 6 A 9



Francisco Bosco

O NARCISISMO DO PERTENCIMENTO (A UM GRUPO)
TENDE A SACRIFICAR O DIAGNÓSTICO DA REALIDADE?

PÁGINAS 2 A 4

MÚSICA

AS OBRAS-PRIMAS BRASILEIRAS QUE
COMPLETAM CINCO DÉCADAS

PÁGINAS 11 A 13

CINEMA

OS CEM ANOS DE "NOSFERATU" E
A MOSTRA "MURNAU" NA CAPITÓLIO

PÁGINA 14

PESQUISA QUE FAZ A DIFERENÇA

HÁ 40 ANOS, MÉDICOS DE PELOTAS IMPLEMENTAVAM, PELA PRIMEIRA VEZ NO BRASIL, AS CHAMADAS “PESQUISAS DE COORTE”, QUE PERMITIRAM ACOMPANHAR O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS, TORNANDO-SE REFERÊNCIA PARA A CRIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE EM TODO O MUNDO

ALINE CUSTÓDIO

alinacustodio@globo.com

Uma pesquisa iniciada na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que se tornou referência internacional, está completando 40 anos em 2022. Quando a primeira Coorte de Nascidos Vivos do Brasil foi criada para acompanhar os 5.914 bebês que vieram ao mundo em 1982 no município do sul do Estado, nem os idealizadores imaginavam que ela seria capaz de impulsionar, entre outros atos, a construção de políticas públicas para a saúde de crianças e mães no país e no mundo.

Se no início dos estudos o foco foi direcionado às consequências da desnutrição e à mortalidade infantil, o interesse dos pesquisadores mudou conforme a passagem do tempo, ingressando em questões socioeconômicas, ambientais, de saúde mental, composição corporal e desenvolvimento psicomotor, entre outras. Hoje, cerca de 20 mil crianças, adolescentes e adultos são acompanhados desde o nascimento pelos cientistas da UFPel em quatro grandes grupos de “coortes”.

Coorte é um termo acadêmico que designa um tipo estudo estatístico baseado no acompanhamento de um grupo de pessoas por um período de tempo. O termo é inspirado na expressão que identificava os agrupamentos de soldados que marchavam juntos nas legiões romanas da Antiguidade Clássica. No caso de Pelotas, além de ser a primeira pesquisa do gênero no Brasil, é a maior na América Latina em quantidade de indivíduos

acompanhados. E tudo começou com a curiosidade de dois jovens médicos da cidade: o pediatra e epidemiologista Fernando Barros e o epidemiologista Cesar Victora.

No início dos anos de 1980, Barros conta que teve a ideia de fazer um estudo perinatal para saber qual era a mortalidade infantil e quantas crianças nasciam prematuras ou com baixo peso, dados inexistentes à época. Esse levantamento faria parte do doutorado do pediatra, realizado na Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres, na Inglaterra. Ao compartilhar a intenção com Victora, então também doutorando na mesma instituição, recebeu a ajuda do colega e de John Patrick Vaughan, orientador de ambos.

Inicialmente sem apoio financeiro, Barros montou uma pequena equipe e passou a visitar diariamente as cinco maternidades da cidade, onde todos os recém-nascidos eram examinados. Enquanto desenvolvia o primeiro levantamento, contactava agências internacionais solicitando financiamento. Ele foi contemplado com verba do Centro Internacional para Pesquisas sobre Desenvolvimento, do Canadá, que permitiu completar a primeira fase do estudo. Victora, que havia ganhado recursos da Organização Mundial da Saúde (OMS) para pesquisa, direcionou o dinheiro para acompanhar crianças nascidas em 1982. A evolução da pesquisa despertou a atenção de outras organizações internacionais, que contribuíram para sua continuidade

DE PORTA EM PORTA

Mas como ampliar o estudo, prolongando-o para que envolvesse milhares de entrevistados? No primeiro ano, com os endereços de todas as mães que deram à luz em 1982 nas maternidades de Pelotas, um grupo de pesquisadores que chegou a ter mais de cem integrantes, organizados pelos dois médicos, saiu à procura das crianças. O resultado, no entanto, não foi o esperado. Como muitas delas viviam em endereços inexistentes no mapa, 17% não foram encontradas. E, uma pesquisa de coorte depende, fundamentalmente, de acompanhar um alto percentual de pessoas. Por isso, Victora sugeriu outro tipo de amostragem, mudando radicalmente o caminho do estudo: no início de 1984, os pesquisadores começaram a percorrer todas as 70 mil casas de Pelotas perguntando, uma a uma, se havia crianças nascidas dois anos antes.

— Faznos muito bem recebidos por todos. E conseguimos achar 88% das crianças nascidas em 1982 na cidade. Quando esses pequenos tinham quatro anos, voltamos a bater à porta de todas as casas de Pelotas e encontramos 85% das crianças que nasceram em 1982. Com o tempo, as famílias vão se mudando. Ficamos muito contentes porque o grande problema das coortes, em geral, é

essa perda de acompanhamento se não tiver uma estratégia bem estabelecida — recorda Victora.

Os cientistas acreditavam que a pesquisa seria finalizada quando completassem quatro anos de trabalho. Porém, a curiosidade voltou quando os pesquisados chegaram à adolescência. Eles, então, decidiram continuar estudando a turma. Ao mesmo tempo, já reconhecidos internacionalmente, partiram para um novo grupo: a coorte 1993, com financiamento da Comunidade Econômica Europeia. Na sequência, vieram as coortes de 2004 e 2015.

Para que o desenvolvimento desses estudos siga até hoje, outras instituições também contribuíram em anos anteriores, como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), o Programa Nacional para Centros de Excelência, o Conselho Nacional de Pesquisa, o Ministério da Saúde, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (Fapergs). Os estudos atuais continuam sendo levados adiante somente porque os pesquisadores ainda estão usando a verba conquistada há cinco anos, revela Victora.

Há, também, a possibilidade de uma nova coorte ser criada em 2026. Porém, dependerá de apoio financeiro, já que as entidades internacionais que costumavam apoiar a pesquisa brasileira agora



CONSULTA

Lesar Victoria junto a um dos pequenos mencionados. Na estalhe, abaixo, Fernando Barros, o realizador do projeto



voltam seus olhos para países subdesenvolvidos – o que não é mais o caso do Brasil.

Tanto Victoria, 70 anos, quanto Barros, 74, têm consciência de que o estudo ocupou mais da metade da vida de ambos.

– Em nenhum momento eu poderia pensar que 40 anos depois continuaríamos

acompanhando as mesmas crianças. Esse primeiro estudo alimentou a minha vida profissional – diz Barros, emocionado.

– É um projeto de vida – resume Victoria.

Aposentados da universidade, os dois seguem como consultores das cortes e, hoje, atuam em outras frentes. Atualmente, quem coordena os estudos do grupo de nascidos em 1982 é o médico epidemiologista e pesquisador Bernardo Horta, que começou a trabalhar com Victoria em 1988.

EPIDEMIOLOGIA E DESIGUALDADE

Os dois pesquisadores pioneiros no estudo afirmam que as cortes foram fundamentais para o surgimento, em 1991, do curso de mestrado em Epidemiologia, ligado ao Departamento de Medicina Social da UFPel, que deu origem ao Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia. Seis anos depois veio o curso de doutorado.

O mesmo grupo foi o responsável pela criação do Centro de Pesquisas Epidemiológicas (CPE), que teve o prédio erguido pela UFPel e foi mobiliado com o financiamento das pesquisas. O CPE conta com equipamentos de última geração para diferentes tipos de exames, como o DXA (Dual energy X-ray Absorptiometry), que avalia a composição corporal, o Bod-pod, que mede a densidade corporal, e o 3D Photonic Scanner, que, a partir de imagem tridimensional do corpo, permite tirar medidas da pessoa.

Entre os estudos que surgiram por meio das cortes, destacam-se dois que, inclusive, transformaram-se em políticas públicas em dezenas de países: a importância do aleitamento materno, comprovando que a amamentação exclusiva tem impacto ao longo da vida, sobretudo entre a população de baixa renda, e a influência dos primeiros mil dias de vida, quando o cérebro e outros órgãos passam por desenvolvimento, o que confirma esse período como fundamental para todo o desenvolvimento da vida de um ser humano.

No livro *Epidemiologia da Desigualdade – Quatro Décadas de Coortes de Nascimento*, organizado por Cesar Victora, Ferrando Barros, Mariângela Preiras da Silveira e Antonio Augusto M. Silva, os pesquisadores revisam as tendências em saúde materno e da criança no Brasil, a partir das quatro pesquisas de coorte em andamento, mostrando que as mudanças observadas no acompanhamento estão alinhadas com análises de dados secundários nacionais. Eles apontam que a queda na mortalidade infantil se deu em função provavelmente de mudanças nos determinantes sociais de saúde, com redução na pobreza extrema e melhorias na educação das mulheres, criação de programas de controle

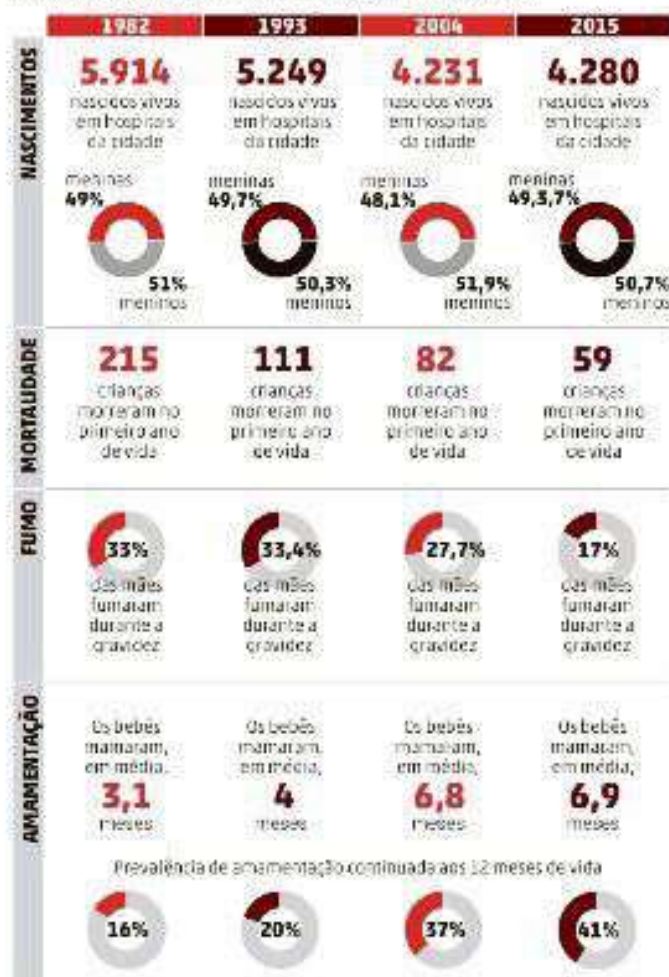
de doenças e de imunização, promoção da amamentação, progresso em setores como água e saneamento e as criações de programas de transferência de renda e do revolucionário Sistema Único de Saúde (SUS), em 1988.

A divulgação das coortes tornou Pelotas referência também no treinamento de novos pesquisadores. Com financiamento internacional, foi possível receber profissionais da América Latina e do Caribe para serem treinados na condução de estudos a serem realizados em outras partes do globo.

O caso de Pelotas mostra o esforço dos cientistas ao longo de anos para manter a pesquisa pulsante num país onde a ciência ainda é renegada por muitos.

EM ACOMPANHAMENTO

Confira as principais notícias das quatro pesquisas em andamento



40 ANOS DEPOIS

A equipe do estudo de 1982 já está entrando em contato com os principais nascidos naquele ano em Pelotas para iniciar a etapa de pesquisa. Quem participou pode entrar em contato para avaliar seu nível de saúde na Internet por www2.fccpq.ufpel.edu.br (51) 3296-1910.

NASCIDO PARA A COORTE



A gravidez provavelmente planejada por Daiane da Nogueira Xavier, 39, e Thiago Ferreira Borges, 43 anos, deu ao primeiro filho dos dois a possibilidade de ser integrante da Coorte 2015, a mais recente formada pelo grupo de pesquisadores. A engenheira química revela que os dois escolheram ter o filho num ano de Coorte. Depois de calcularem e descobriram que haveria uma nova turma de pesquisados, eles se comprometeram para ter o filho no período. Daiane, que completa 40 anos neste mês, faz parte da Coorte 1982 e sempre demonstrou orgulho de ser uma das pesquisadas. O ex-mando de obra, autoritário na área de epidemiologia na universidade e, por isso, também é um admirador do trabalho realizado na UFPEL.

— Me sinto privilegiada. Quando eu era criança, não tinha essa dimensão. Mas, a partir da adolescência, comecei a ver que a pesquisa é muito importante — conta Daiane, que é doutora na área de engenharia química e hoje trabalha como técnica de laboratório no UFPEL.

As memórias de Daiane relacionadas ao estudo, a primeira e de uma cena de quando os pesquisadores estiveram na casa da família e a pesquisar numa balança pendurada na porta. — Eu ainda era bebê. Depois, na adolescência, tem

flashs de quando respondia as perguntas na casa da mãe. Já aos 30 anos, no centro de pesquisa, ela participou de diferentes exames em equipamentos mais modernos. O filho Miguel, que hoje está prestes a completar seis anos, participou de todos os estudos já no núcleo antigo e destinado a essa finalidade. A mais recente etapa da Coorte 2015 ocorreu em abril deste ano.

Toda mamãe da pesquisa é diferenciada. No caso de Miguel, Daiane conta que nos primeiros dois anos participava das atividades com o filho apenas para orientá-lo, sem ajudá-lo. Fiam bridas para analisar as habilidades do menino. Em abril Miguel participou sozinho.

— Ele curtiu. Foi tranquilo. Usou até a roupa verde para fazer os exames no equipamento — revela a mãe.

Daiane diz não se incomodar por desconhecer os resultados dos seus próprios exames. É garante que se fosse chamada mais vezes ao longo dos anos iria sem pensar duas vezes.

— Quantas coisas (na área de saúde) mudaram de quando nasci para a Coorte do meu filho. A amamentação, principalmente. Enquanto mamava pouco meses, o Miguel mamou até os dois anos e dois meses. E isso veio com os conhecimentos divulgados pela pesquisa — afirma.